

SOBRE OS OBJETOS E FENÔMENOS TRANSICIONAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A ILUSÃO FUNDAMENTAL E O MOMENTO DA DESILUSÃO

Maria Beatriz Romano de Godoy¹

¹ Psicanalista, Professora, Supervisora e Membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Tomando como ponto de partida um fato por mim observado, tentarei articular os conceitos de objeto, espaço e fenômeno transicional à luz da teoria winnicottiana, tendo como referência o texto “O Objeto transicional de Winnicott”, de Goldstein.

Ao começar a refletir sobre o tema proposto imediatamente me veio à lembrança uma situação muito interessante ocorrida com uma criança de 3 anos, aqui chamada Mário. Nascera um primo, e como Mário não usasse seu bercinho há mais de dois anos, sua mãe lhe propôs darem de presente para o primo de quem ele gostava muito. Mário começa a ficar muito angustiado, choraminga que não queria dar pois seu bercinho tinha que ficar perto dele. A mãe lhe abraça dizendo que se ele estava sofrendo tanto por isso, voltariam a conversar em um outro momento; que ele se tranquilizasse pois eles só dariam o berço de presente se Mário quisesse, mas o bercinho, tão importante, podia ficar para sempre junto dele, em sua lembrança, junto com todos os momentos gostosos que ele havia vivido.

Mário nesta época ainda chupava chupeta e usava um paninho - o que restara de um travesseiro usado desde que era bebê - carinhosamente apelidado pelo pai de “enrola”, por ser girado de um lado para outro, enrolando-se em seu punho e aí passado em seu nariz. Era assim que ele dormia ou ficava quietinho.

No dia da tal conversa o “enrola” e a chupeta sumiram. E por mais que todos da casa os procurassem não foi possível encontrá-los. À tarde ele conseguiu dormir; à noite mostrou-se inseguro mas adormeceu, dormindo sozinho sem maiores problemas. Seus objetos permaneceram desaparecidos por alguns dias. Quando foram encontrados, como ele não tivesse perguntado por eles, não foram oferecidos.

² Winnicott, D.W.
*Textos selecionados:
 da pediatria à
 psicanálise.* Rio de
 Janeiro. Francisco
 Alves. 1988. p.390.

Passadas algumas semanas Mário pediu para ver as roupas de quando ele era pequeno, pois sabia que a mãe tinha guardado. Ao vê-las, disse que queria guardar um jogo de lençol e um casquinho de bebê para seu filho, ajudando a embrulhá-las e pô-las em seu armário. Tempos depois, ao irem visitar os primos, ele mesmo contou para o bebê que iria dar o berço para ele.

Em função de como evoluiu a situação descrita, desde a proposta de ser dado o berço de Mário até seu desfecho, podemos considerar alguns pontos fundamentais para a nossa reflexão, pois ela evidencia um aspecto rico, apreendido por Winnicott.

Diz ele que para um objeto ser chamado de *objeto transicional*, ou ser um *fenômeno transicional*, é preciso que ele esteja incluído em uma área intermediária de experiência entre "o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (Diga: "bigado")"².

Mário apesar de não utilizar mais seu berço parecia ter nele um representante concreto da história, ainda recente, de quando era um bebê. Ao ser convidado a dá-lo, é tomado de angústia, entra em pânico, sofre uma dor aguda. Sua mãe, intuindo a importância dessa crise, acalma-o e lança uma palavra: para além da equação simbólica pode estar o símbolo e, com ele, a possibilidade de transformar a perda de um objeto numa ausência-presente, para sempre dentro dele, como uma esperança, a de que um sofrimento seja útil se houver força para renúncias fundamentais e coragem para usufruir de outros ganhos.

O berço, primeiro objeto pranteado, parece evocar nele o medo de perder algo muito mais importante. É um objeto externo, parte de um complexo, que junta mundo interno e externo. Está em jogo uma experiência de separação, o que vai com o objeto, o que fica com ele, o que é dele... o que é ele...

O que é ele? O que é não-ele?

Winnicott estava interessado em estudar como se processava a primeira posseção não-eu e nessa área intermediária entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido, nesse árduo caminho que é o de todo homem encontrar a sua própria verdade. Para ele, a natureza humana não existe só como relação entre pessoas, mas é composta por um conjunto de realidades: o *mundo interno* (conforme conceituação kleiniana), inerentemente instintivo-pulsional

e conflitivo; o ambiente facilitador e a mãe suficientemente boa, mais a área de experimentação, pela qual o indivíduo tem a tarefa de conhecer e não misturar mundo interno e ambiente, mantendo-os, no entanto, inter-relacionados.

"Os objetos transicionais não são nem internos, como Klein conceitualiza, tampouco externos para o bebê. São uma posseção. (...) Os fenômenos transicionais representam por isso, as primeiras etapas do uso da ilusão, sem as quais não tem sentido para o ser humano a idéia de uma relação com um objeto que outros percebem como exterior a esse ser."³

Goldstein chama atenção para o "como se", "fundamental, fundante e característico da atmosfera mágica da ilusão, no sentido winnicottiano", pois para o indivíduo ser capaz de ilusionar é preciso ter bem estabelecidas as categorias do interno imaginário e subjetivo de um lado e do externo real de outro. Algo vivo, ativo e estável e em constante renovação.

O berço, da nossa história, parece ter remetido Mário a dois estados básicos: o de perda e incompletude, o de reunião e completude, estados vividos alternativamente por um bebê e sua tarefa constante de (re)construir uma ponte imaginária entre unidade e continuidade para manter nele, subjetivamente viva, a necessária ilusão ou a esperança de um sentido de completude. Mário ao ver-se ameaçado de perdê-lo sente-se angustiado e, provavelmente, remetido a um estado de abandono, como se tivesse perdido imaginariamente seu contorno e ficado, portanto, à mercê da perda e sua conseqüente incompletude. A instabilidade e a precariedade são colocadas em evidência. A ilusão é posta em dúvida, confundem-se as categorias do fenômeno ilusional.

Kleinianamente, diríamos que Mário talvez se encontrasse em algum momento da posição depressiva e vivendo, deste modo, uma perda sentida momentaneamente como insuportável, que pede tempo para ser "digerida". Regredir à posição esquizoparanóide por algum tempo buscando na equação simbólica - berço = Mário bebê - uma forma de preservar o berço e evitar se defrontar com as angustiantes questões que aquelas perguntas acima o remeteriam. Mas pôde se deprimir e ouvir outra proposta: foi o símbolo uma alternativa?

Nesse ponto parece poder se defrontar com a questão: é ainda a ilusão o fator fundamental que dá a ele garantias de sobrevivência psíquica?

³ Goldstein, R. "Objeto transicional em Winnicott", pág.152.

⁴ Idem, pág. 150.

Goldstein afirma que "o sólido estabelecimento da crença do bebê em sua habilidade para conseguir a posse estável da mãe é de suma importância; é uma fantasia indispensável na evolução de sua subjetividade, que deve se desenvolver sem fraturas ou fraquezas do ego perceptual (ou ego função)."⁴

A dupla enrola-chupeta, objeto transicional, representante de um estado de transição do bebê de estar mergulhado na mãe para um estado de estar em relação com a mãe como algo de fora e separado, oriundo da experiência de separação entre eu, não-eu, primeira possessão, nem externo, nem interno, eficiente companheiro para enfrentar os momentos de ansiedade depressiva foram funcionalmente eficazes, e talvez estivessem no limiar de desaparecerem, pois outras condições mais desenvolvidas já estavam disponíveis.

Sob o ponto de vista de Winnicott, o desaparecimento da dupla enrola-chupeta apontava para o que ele salientava como sendo "um gap", uma fenda. Talvez Mário "apressou ou foi apressado" em seu processo de deixar seus objetos transicionais. Ficou "gente grande" repentinamente. Seus objetos transicionais não puderam desaparecer, perder a sua função de transicionalidade.

Porém, se considerarmos que Mário ao ter perdido esses objetos e ser "convidado" a significá-los procura uma outra saída, isto poderia apontar para o fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, espalharam-se por todo o território intermediário entre a "realidade psíquica interna" e "o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum", isto é, por todo o campo cultural. Por que não pensar que isto pode ser a porta aberta que permite incluir o brincar, a inserção da criatividade e apreciação artísticas, do sentimento religioso, do sonhar, do fetichismo, do mentir e do furtar como conseqüências possíveis dessa passagem, mas não apenas como uma porta aberta para o distúrbio?

Mário tentou contar com outras forças psíquicas e encontrar uma solução que diminuísse o seu sofrimento e tornasse possível enfrentá-lo. Foi transformando o objeto concreto berço em lembrança, aos poucos. Primeiro deslocou-o através do reencontro com seus pertences de bebê, escolheu os que podiam representar e relembrar os momentos desta (ou daquela) época. Depois pensou em vir a ter um filho que poderá, como ele um dia desfrutou, desfrutar também do aconchego e da ilusão de plenitude que esta

fase lhe ofereceu. Criar uma expectativa de vir a ter um filho e assim construir uma ponte entre unidade-continuidade. Ainda uma ilusão ou um projeto, entre tantos que poderão vir a dar sentido à existência humana?

Goldstein, novamente em seu interessante artigo, mostra como os objetos transicionais são uma decorrência da necessidade de uma ilusão, um bebê dar conta da separação e conseqüente sofrimento de uma unidade interrompida, sentida como um grande vazio, ou nos termos de Winnicott, como uma fenda (*gap*) ameaçadora pelo dismantelamento que poderia produzir. Klein em sua indiscutível contribuição à compreensão sobre o Édipo primitivo já alerta para a importância da vivência das separações, em especial à vivida em contingência ao desmame e a inserção do terceiro na primeira unidade mãe-bebê. Com Winnicott ganham um outro vértice pois a descontinuidade dessa primeira união, seio, como propriedade do bebê, mãe que cria o seio para o bebê, ou uma superposição entre o que a mãe proporciona e o que a criança pode conceber, com a introdução do terceiro traz a evolução que a realidade apresenta com todo o seu peso. É nesse momento que esse objeto útil é criado, que abre também uma porta para a gestação do pensamento e da palavra, para o brincar e a simbolização. Auxiliam a transpor a ausência, a aprender a esperar sem se desesperar; a poder ficar só e acompanhado (como se).

“Os fenômenos e objetos transicionais buscam reproduzir e recriar precisamente essas condições - a presença física da mãe -, mas desenvolvidas dessa vez com objetos independentes, manipuláveis pelo bebê.”⁵

Freud, em um artigo pouco conhecido de 1907, escreve algo muito interessante sobre a criação literária e sua relação com o brincar, devanear, sonhar, fazendo diferenciações e aproximações entre eles. Mostra-se admirado pela genialidade que os escritores têm em construir um mundo imaginário onde a realidade virtual nos seduz e motiva a conhecer (como se ele mesmo não pertencesse a esta categoria!) e nos convida a perceber a semelhança destes, com as crianças que brincam e criam seu mundo imaginário. Afirmar então que a oposição para brincar não é o que é sério, mas o que é real. E continua lançando mão de um artifício que supõe como tese, ou como pretexto para continuar, dizendo que só fantasia quem de algum modo é infeliz, pois as pessoas satisfeitas não necessitariam dela. “As forças motivadoras das fantasias

⁵ Idem, pág 154.

⁶ Freud, S. "Escritores criativos e devaneios", Obras Completas, Vol IX, pág 152.

são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória."⁶

Se voltamos ao tema, também podemos aceitar que os objetos transicionais, sejam embriões que engendram no "como se" fundante as sementes do brincar, do fantasiar, uma transição preparatória para a criação, para a subjetivação, para a conceituação do tempo e do espaço. Segundo Freud, é através da fantasia que uma impressão atual nos remete a um desejo e nos faz retroceder a uma experiência anterior, geralmente da infância, onde foi satisfeito, e cria uma situação de um futuro que representa a realização de tal desejo.

E assim as pessoas não renunciam ao prazer e satisfação experimentados obtidos pelo "como se", mas tentam substituí-los por devaneios, fantasias, humor, criação artística, literária, etc. já que renunciar a um prazer experimentado é muito difícil.

Goldstein, descreve o sentido exato para caracterizar o fim desta nossa viagem: "O característico 'como se' que preside os fenômenos transicionais parece ser o protótipo do conceito que, meio imaginário e meio perceptual, sustenta a simbolização, a sublimação e os vínculos com significação emocional prazerosa - seja tratando-se de vínculos com idéias (ideologias), seja com coisas (talismãs, objetos protetores, objetos da criação artística) ou com pessoas (ídolos, magos, figuras protetoras)", analistas...

Esse clima de transicionalidade, presente da criança ao adulto, ganham na adolescência uma oportunidade maior pois é nessa fase que objetos reais externos convidarão os jovens a lidar com suas ilusões, ideais, ídolos e ideologias. Mas isto já será para nós uma outra história.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1907). *Escritores criativos e devaneios*. Obras Completas. Vol. IX.

GOLDSTEIN, R. - "O Objeto transicional de Winnicott", in: Baranger, W. e Col., *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1984

WINNICOTT, D. - *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988

_____ - *Realidad y juego*, Buenos Aires, Granica, 1972.